

# **Maria Eu-gênia**

por *Yuri V. Santos*

Maria Eugênia era professora de Psicologia. Sua mãe previra a futura carreira da filha, quando esta, aos doze anos, ficara gritando histericamente, por três dias seguidos, depois que o pai esmagara uma barata na sua frente.

“Essa menina ainda vai parar num hospício...”, dissera a resignada mãe.

Dito e feito: Maria Eugênia, uma aluna exemplar desde os tempos de colégio – “Já é feia, se ficar burra, como é que essa menina arranja namorado?” – graduou-se em Psicologia aos vinte e dois anos, na mesma turma que Garcia Koch, seu namorado desde os tempos de vestibular e atual ex-marido. Conheceram-se num sebo procurando o mesmo livro – o único que faltava para completar suas coleções da obra de um ídolo comum, Joseph Murphy: “O Incrível Poder da Mente”. No aniversário do primeiro ano de namoro, Garcia Koch presenteou Maria Eugênia com um livro de conteúdo um tanto extravagante: “O Segredo do Sucesso”. Algo a respeito de inflar o próprio ego como uma bexiga. Assim ele se elevaria. (Ninguém dissera ao autor, nem a Garcia Koch e muito menos à Maria Eugênia, que, ao elevar-se, uma bexiga acaba por estourar devido a um aumento relativo da pressão interna.) Maria Eugênia manteria este livro ao seu lado, mesmo após tê-lo jogado fora, pelo resto da vida. Garcia Koch, na mesma ocasião, ganhou da namorada um livro sobre os fundamentos da astrologia. Só comentou algo sobre o assunto anos depois, quando já enfeitava seu apartamento com volumes de Lacan, Freud e Piaget. “Como éramos ingênuos!”, dissera, sem no entanto lembrar-se de que, na época, achara aquele livro demasiado complexo para o seu entendimento.

O divórcio foi uma guerra horrenda. Quando um colega lhes recordou que aquilo não passava de um mero conflito de egos, se recalçaram. A guerra tornou-se guerra fria. Ambos passaram a divulgar informações confidenciais.

“Uma vez”, dizia Garcia Koch na mesa do bar, “ela segurou meu pênis ereto e disse que queria ter a pele do rosto lisinha daquele jeito... Ela tinha era inveja do meu pênis!”

“Tá falando comigo?”, perguntou indignado o garçom, ao ver aquele homem falando sozinho na mesa.

Maria Eugênia não deixava por menos:

“Ele sempre tinha atos falhos sexuais, o desgraçado.”

“Era precoce?”

“Não, sempre me chamava de Eurico. Era um maldito lacaniano, só queria saber dos desejos do Outro.”

Quando se formou, Maria Eugênia foi trabalhar num sanatório. Não agüentou um mês.

“Aqueles malucos! Nunca prestavam atenção no que EU dizia...”

Depois tentou clinicar. Mas também não deu certo.

“Os pacientes? Eles só queriam saber de si mesmos, não me deixavam falar...”

Maria Eugênia teve, então, a feliz idéia de seguir a carreira acadêmica.

“Mas Maria Eugênia...”

“Cala a boca! Afinal quem que é a doutora aqui?”

Havia encontrado o seu lugar. O lugar perfeito. Finalmente chegara onde ninguém seria louco o bastante a ponto de enfrentá-la. Os alunos a temiam e a admiravam. Nas reuniões e seminários era sempre sua a última palavra.

“CHEGA! Esta reunião está uma vergonha...”

Ai de quem um dia discordasse. Ai...

Mas esse dia chegou. Uma de suas melhores alunas teve o disparate de discordar de seus argumentos dentro da sua própria sala.

“Eu não concordo, Maria Eugênia...”

Maria Eugênia soltou um grito terrível. A aluna saiu correndo assustada, aquela mulher era impossível. Maria Eugênia ficou três dias gritando dentro da sala. Os amigos, apesar do escândalo, felicitaram a coragem da aluna. Infelizmente, para terror da Maria Eugênia, ninguém se lembrou de matar aquela barata horrível que estava embaixo da mesa.

(Extraído de *A Tragicomédia Acadêmica – Contos Imediatos do Terceiro Grau*, 1997.)

\* \* \*

### ***Sobre o autor:***

**Yuri V. Santos**, nascido às quatro e quinze da matina do dia 24 de Outubro de 1971, é paulistano. Infelizmente não estudou no mesmo colégio em que estudaram próceres tais como Machado de Assis ou Guimarães Rosa, os quais, por sinal, nem paulistas eram. Mas estudou no mesmo colégio que a Ana Paula Arósio! Aliás, foi ela quem estudou no mesmo colégio que ele, posto que Yuri já era um veterano de dez anos de idade quando ela apareceu por lá. Mas tudo isto é pra dizer que, em 1975, em seu primeiro dia de aula, Yuri deu uma tremenda dentada na mão da Tia Dulce, que não cometera outro crime senão o de ser a Diretora do Jardim Escola Visconde de Sabugosa. ("Até hoje ela tem a cicatriz", ele jura.) Bom, acontece que a rebeldia do garoto para com os meios educacionais permaneceu intacta desde então. Não que ele tivesse se tornado mau aluno, coisa que nunca foi. Mas embora seu corpo sempre comparecesse às aulas, sua mente gostava mesmo era de ir longe, aos cumes, muito além dos programas incutidos pelo MEC. (Tudo culpa da biblioteca de sua família e do Atari.)

Quando Walter, seu pai, se aposentou, Yuri mudou-se com a família para Goiânia, onde, para sua adolescente surpresa, não encontrou índios, onças e tatus andando pelas ruas, mas uma cidade que infelizmente cresce ano a ano em progressão geométrica. (Ainda bem que, nos sítios e fazendas próximas, os discos voadores sejam mais comuns que as onças...) Ainda em Goiânia, com amigos locais e de São Paulo, criou o GEMBLA: *Grupo de Excursionistas e Montanhistas Bêbados Loucos e Alucinados*, com o qual viajou para diversos Parques Nacionais, praias e cavernas do Brasil. Do centro-oeste, este futuro escritor de fato - pois já era de feto - se mandou de intercâmbio estudantil não para os esteites ou canadá, ou gringuices semelhantes, senão para o - pasme - Equador. Lá morou em duas cidades: Quito e Latacunga. Nesta última, aos 17 anos, começou a publicar crônicas e contos no principal jornal da cidade, o El Día. Também ingressou num grupo andinista - alpinismo é nos Alpes, viu -, tendo escalado, entre outros, os nevados Illiniza Norte (5100m), Rumiñahui (4850m), Corazón (4800m) e os vulcões ativos Cotopaxi (5890m), Tungurahua (5080m) e Guagua Pichincha (4910m). Estes dois últimos entraram em erupção em 1999. (Antonio Naranjo, *pai* de intercâmbio, escreveu ao Yuri: "(...) estamos sumamente preocupados por

la activación de tus volcanes (...). Pero te digo que el espectáculo infernal de la erupción, los hongos que se forman luego de las explosiones, son una cosa lindísima de se mirar (...). Quisiera que tú estuvieras aquí y los vieras en persona.") Ainda no Equador, Yuri estudou espanhol e teve seu primeiro contato com os estudos filosóficos através de Bruno Gallas, o diretor italiano do Colegio Hermano Miguel, que o alertou para os perigos do panteísmo e da crença num Deus não pessoal. Também foi salvo por um terremoto que, derrubando de forma misteriosamente simbólica a pesada máquina de escrever sobre o frágil violão, tirou-lhe o destino de péssimo músico para lhe dar o de um escritor que promete.

De volta ao Brasil, como não havia faculdade de espionagem ou vampirismo - seus heróis de infância eram o 007 e o Drácula (lembra da mordida na diretora?) - Yuri resolveu que o curso de Jornalismo seria o substituto ideal... Foi o princípio de uma série de decepções. Deste curso saltou para Engenharia Civil, depois - já na Universidade de Brasília - tentou Engenharia Florestal (meros resquícios de idealismo ecológico), Letras e Artes plásticas (habilitação em Teoria, História e Crítica de Arte), sem se formar, por pura desilusão, em qualquer um deles. Concluiu apenas um curso de extensão - *Processo de criação cinematográfica* - com o "mulherengo" Néelson Pereira dos Santos, e um projeto de iniciação científica do CNPq - *Rever, reler, recriar* -, o qual tratava das releituras artísticas pelas novas tecnologias. Seu trabalho foi aprovado com louvor. "Mas meu livro é meu diploma", afirma. Apesar de haver encontrado um ou outro professor digno de respeito, após sete anos de estudos universitários e viagens candangas, Yuri purgou-se da experiência escrevendo o livro "A Tragicomédia Acadêmica - Contos Imediatos do Terceiro Grau" (1997). (Alguns dos 19 contos: O Wândolo, Memórias da Ilha do Capeta, A volta dos que não foram, Golem - o goleiro, A Vingança de Piupiu, Matando um mosquito com um tiro de canhão, Paralíticos e desintegrados, O Culturaholic, Penteu - o pentelho, Maria Eu-gênia, etc.) Daí, voltou para São Paulo onde comeu o bolo, o biscoito e o pão que o diabo amassou. ("Ainda me vingo do capeta!", ri-se.) Escreveu crônicas durante quase dois anos para a Revista *Guia da Farmácia* (mais risos), que o salvou da fome. Após completar seu "doutorado em pirações" - o mestrado foi feito no alojamento da UnB -, morando na Vila Madalena, freqüentando raves e sendo sócio de um estúdio fotográfico na Vila Olympia, o *Base 1* (com os fotógrafos Dante, Fábio Corrêa e Christian Sievers), Yuri conheceu a poeta Hilda Hilst, em 1998, com quem reside ainda hoje, fazendo as vezes de "secretário incompetente" e webmaster. Em 1999, divertiram-se paranoicamente com as ameaças de fim do mundo. Na Casa do Sol, residência da escritora, moram ainda o poeta, ex-professor de Oxford e ex-detento da Ilha do Diabo inglesa, Bruno Tolentino ("os professores me perseguem..."), o escritor espanhol José Luís Mora Fuentes e oitenta cães. "Rola cada conversa..."

Atualmente, sem os entraves da sociedade no estúdio, Yuri prepara mais dois livros. "Por enquanto vai indo bem", afirma Dostoiévski.

PS.: O autor oferece seus serviços como roteirista, cronista ou semelhantes.

**Para contatos:** [yurivs@uol.com.br](mailto:yurivs@uol.com.br)

**(sites do autor: [www.casadosol.cjb.net](http://www.casadosol.cjb.net) e  
[www.angelfire.com/ri/melhor](http://www.angelfire.com/ri/melhor))**